



LUMINÂNCIAS



MARIANA
ESTEVEZ

Esteves, Mariana

Luminâncias / Mariana Esteves. – São Paulo - SP, 2021.

Livro digital. PDF. 29 p. : il.

ISBN nº 978-65-00-29681-5

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDD 869.1

Todos os direitos reservados; nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por meio eletrônico, mecânico, fotocópia ou de outra forma sem a prévia autorização por escrito da autora.

Projeto Gráfico
Jessica Domingues

Apresentação
Roseana Murray

@_mariana.esteves
marianaesteves.contato@gmail.com

*Mariana Esteves foi minha leitora criança.
Continuou minha leitora quando jovem e adulta.
Mariana é dançarina.
E eu a descobro poeta.
Sua poesia dança com ela e às vezes nos leva para
profundezas imensas.
Que sua poesia voe.*

Roseana Murray



À minha amada amiga e poeta preferida
no mundo, Roseana, fada-madrinha à
cintilar por toda minha vida, luminâncias.



MATILHA

Elfos
Duendes
Sereias, raposas,
Lobos, leoas,
Magas,
Caiporas
Ciganas
Poetas
Musas feiticeiras
Seres místicos
de todos os continentes
Guerreiras.
Eu vos conclamo.



MARINHEIRA

No espelho,
um monstro de oito cabeças.

Na certidão, mulher.

No espelho,
trevas, queimada, borralho.

Na certidão, mulher.

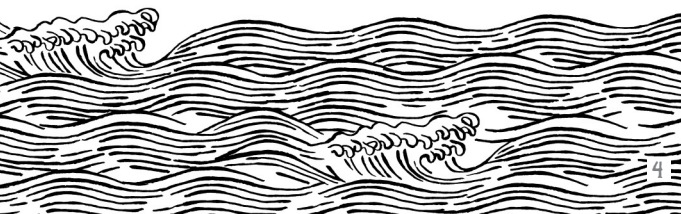
No espelho,
dúvida.

Enfrentar o espelho
Esse olho de fogo.
Jogar um balde d'água.

Jogar flores. Muitas.
Pitadas de silêncio.
Aquietar. Fazer um chamego.
É, um chamego. No cabelo.

Comer as cinzas.
Ir derramando baldes d'água.
D'alma.

Marejar.





ENIGMA

Correndo em uma esteira
o relógio me observa pontualmente.
Em meus olhos, uma venda.

Mesmo que eu descesse
da esteira, pra onde iria?

Em minha mão, uma bússola
quebrada.





PORTA

A loba me agarra
pelos dentes
e me leva
calabouço abaixo.

Desço,
desço,
desço,
no escuro.

Em frente a
uma porta,
ela aguarda.
Ali,

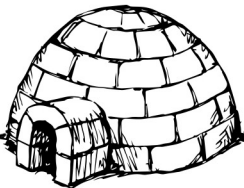
uma resposta.





RAINHA DAS NEVES

Por baixo da neve
uma semente.
Para alcançá-la,
há que se deitar e fazer
anjos de neve.
Há que se esparramar, rolar,
fundir com o branco.
Tornar-se cristal,
cintilância,
rainha das neves,
para que seu corpo
germine morada.
Iglú.





Para que os vaga-lumes
possam iluminar o caminho,
noite.

Para que o luar possa
brilhar, redondo,
embalando o amor
dos enamorados,
breu.

Para que os olhos do lobo
possam faiscar
suas peripécias,
treva.

Para que a mulher selvagem
possa perambular
radiante na floresta,

a escuridão,
é o pulo do gato.

PULO DO GATO

SEREIA

Para escolher meu
presente para
o mundo,
saio dessa concha
que sou,
olho-me de
certa distância.
O que vejo?

Para escolher meu
presente para
o mundo,
mergulhar o
rio abaixo do rio
que me habita
e caçar as pérolas.





RAPOSA

No pé de meu ouvido
a raposa fareja o caminho
da água doce,
sussurra a aranha
embaixo da flor,
pressente a chegada
da chuva.

Seus olhos
enxergam a noite,
sua língua sente o
gosto do belo.

No pé de meu ouvido
uma raposa velha,
estrategista,
conhece a saída
do labirinto.



OFERENDA

Nem mil acrobacias
me livrarão de enfrentar
A sombra da qual
venho fugindo.

Nem se correr feito lebre,
feito chita,
feito tigre com
asas nos pés.

A sombra me seguirá
até o fim dos tempos,
até que eu abra os olhos,
me sente ao seu lado,
e lhe estenda um girassol.



CHAVE

O diário da maga
contém o feitiço
o prumo, a palavra
de desencantar congelamento.

De ressucitar os mortos.

O diário da maga contém
a senha que abre o portal.

Contém a chave, o ramo,
a poção,
de desarmar a dor.

A maga abre o diário
de sua vida
na primeira página,
e relê.



ANDARILHO

Sigo o mapa,
respondo a charada,
viro a ampulheta,
retorço o pano seco,
nada.
Você não aparece
nem nos meus sonhos.
Me pergunto se
um dia já te vi,
se caminha pela Terra
e um dia quem sabe.
Seu rastro é invisível,
mas sinto o seu calor,
toco seu rosto de ar,
te desejo,
te quero em mim.



RITO DE PASSAGEM

A leoa à minha frente
chamo com um gesto.
Ela atira no chão uma presa.

Seus olhos
penetrantes e ferozes
miram os meus.

Só virá se eu devorar a presa.
Crua.



DESAFIO

Concentrar-se no corpo.
Como matéria-pensamento.
Desafio você, corpo, a falar.

Mas seguro sua língua, suas mãos,
mente, coração, angústias, tristezas,
seguro seus padrões, sua pelve,
seguro teu trocânter, e particularmente
teu epicôndilo medial do fêmur
e desafio você, corpo, a dançar.

E descubro tuas linhas e vontades
e desejos, descubro tuas fraquezas
e incertezas. Descubro as carnes
que cobrem teus ossos e
desafio você, corpo, a voar ao contrário,
pelo chão.

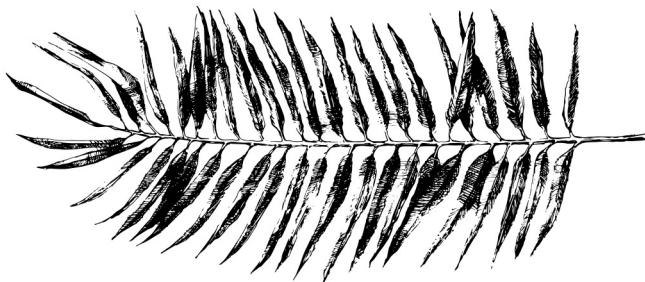


FLOR DA PELE

Se eu pintar minha boca de rosa
ganho um beijo de beija-flor?

E se enfeitar minha cabeça com ramos, será
que pousa uma andorinha?

Se no pescoço correntinha de frutos, ganho
mordisco de amor?



ODE

A avó pega a laranja,
lava a laranja,
examina,
descasca,
conta uma história,
aponta a faca,
continua descascando,
cheira,
separa os gomos,
tira a pele,
reparte os gomos,
e dá à neta,
como passarinho
alimentando filhote.

Vovó pega mais
laranja
conta mais histórias
mistura farinha
reza baixinho
fala com a comida,
benze,
lança um olhar certoiro.
E num passe de
pura bruxaria,
uma ambrosia reina
sobre a mesa, a casa,
a memória.

Avós são amor
com perfume
de romã.



COZINHA

Para cozinhar, uma cadeira.
Um presente de amor enfeitando
a parede.
Um vaso de violetas.
Um livro, um quadro,
Uma receita de avó.

Para cozinhar,
nutrir a cozinha com luz,
para que o labor de preparar o
próprio alimento
se torne possível,
para que essa mãe que me tornei de
mim mesma
se acheque.



ROSEANA MURRAY

Poesia de poeta-flor
vai talhando as camadas de cinza
com os espinhos da rosa,
delicadeza afiada.

Vai trazendo para fora
(para rasgar o ar de fôlego)
a alma encovada dentro da gente.

Poesia de poeta-flor
é buquê de luz em silêncio,
que alma encovada precisa
em urgência de
flores rosas, roseanas



MADRINHA

Minha amiga secreta
tem asas de libélula
tiara cintilante
e varinha de condão.

Minha amiga secreta
me ajuda a espanar
os ciscos,
esquentar água
para aquecer os pés,
catar conchas cor-de-rosa
no mar de meus
pensamentos.

Minha amiga fada
é vela de acender a luz,
seu dom são as
palavras mágicas,
que guardo em um
frasquinho e carrego
comigo no bolso.

Minha fada-madrinha
ganhei de um pedido
que fiz
a uma estrela-cadente.



COMPANHEIRAS

Espalmar uma mão na outra

Com os braços
formar uma rede,
um escudo.

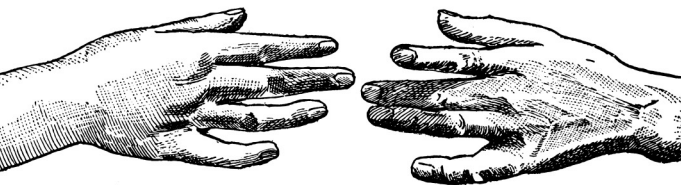
Acompanhar na jornada

Compartilhar
Dividir o pão.

Ouvir-falar-ouvir.

No escuro, sentinela
segurando a chama.

Receber/ser ninho.



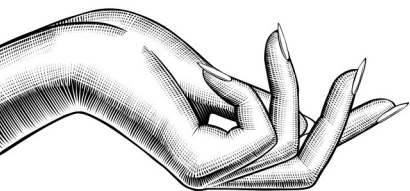
PARA AS SEMENTES

Quando seus olhos
cintilarem por essas
linhas,
vocês bruxas que virão
depois de mim,
quando estiverem
cavando raízes,
respostas na terra,
saibam que suas antepassadas
eram versadas em
magia antiga.

Tecido, madeira,
pedras preciosas,
lápiz, pincel,
tomates frescos,
eram seus ingredientes
secretos.

Nossas mãos ganharam,
milênios afora,
garras de bambú,
para que hoje pudéssemos
entregar a você,
num ramalhete,
a palavra amor.



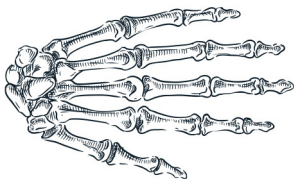


POMBA GIRA

A música do tambor
vai desamarrando
os nós
do coração,
dissolvendo a pedra
em ondas de água limpa,
arrancando da garganta
os gritos mudos.

A vibração encandeia
pega a alma no colo
lhe tira para dançar,
devolve o sopro perdido.

Quando bate o repique,
o som vai dando à luz,
um sol dentro do corpo.



PINTORA

O vermelho mareia
às voltas do peito,
espirala vértebra por vértebra,
veleja naquela sutil
terra fina
de raízes plantadas
há eras atrás,
mergulha veia a dentro
e deságua nas mãos
da pintora,
na tela,
na garganta de meus olhos.

Para beber com a alma.



FÊNIX

A poesia me leva embora
para um lugar esquecido.

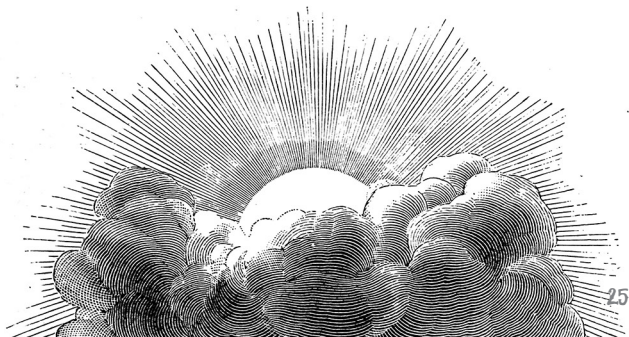
Um lugar luminoso
mas mais que isso.

Não é o paraíso.

É re-estar aqui, em paz.

Viva.

Para voltar para a terra, céu.



TONS DE LUA



Cantar para que os ossos
ganhem carne,
para que ganhem vida
para que corram floresta a fora.

Cantar para trazer
do mais recôndito rio,
o sangue que vibra.

Cantar para soprar
a palavra luz.

DANÇARINA

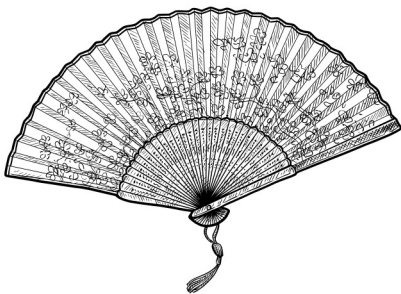
Palmas vertiginosas
possuem o meu corpo.
Pés alucinados clamam
por fogo.

Perder
o compasso,
a métrica.

Serpentear as vértebras,
o xale de segredos,
o leque lusco-fusco.

Rodopiar,
girar sem fim.

Flamencar a vida.



LOBAS

Sacudir lençóis
e esticar sobre a cama.
Na escuridão dos dias,
embainhar varinhas,
arrancar as folhas secas,
derramar sobre a terra
um mar de olhos de ver,
todas as luzes,
revirar e trazer à tona
os cantos perdidos.
Até o fim,
uivar delicadezas.



